

As lições do Vioxx para o jornalismo científico das revistas Veja e Time

Lia Hecker Luz

Doutoranda | Universidade Federal do Rio Grande do Norte
liahluz@gmail.com

Resumo

Análise qualitativa das reportagens publicadas no primeiro semestre de 2005 nas revistas Time e Veja sobre os desdobramentos da retirada do medicamento Vioxx do mercado. Os jornalistas questionaram a ética dos fabricantes, da FDA, das pesquisas científicas, bem como o hábito e a tendência à consumização da saúde, resgatando uma das tarefas mais nobres do jornalismo científico: trazer para discussão o contraditório e os interesses vinculados às políticas e às decisões da área.

Palavras-chave

Jornalismo científico, saúde, revistas semanais.

1 Introdução

Segundo Organização Mundial da Saúde (OMS), ser saudável é estar em estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não meramente sem doenças. Para que o cidadão possa viver com todas as suas necessidades satisfeitas, ou seja, não ser ele portador de problemas de saúde, é necessário alertá-lo, ensiná-lo e, principalmente, inseri-lo nos conceitos básicos da prevenção (HANSEN, 2004). Nesse sentido, a comunicação é acionada e torna-se grande parceira do público: estudos mostram que, ao final da educação formal, a maioria das pessoas utiliza os veículos de comunicação de massa como suas fontes primárias sobre educação em ciência (DUNWOODY; FRIEDMAN; ROGERS, 1986). Embora tenham pouco treinamento formal na área, muitas delas têm um irresistível interesse pela ciência.

A pesquisa 'Percepção pública da ciência e tecnologia: uma abordagem metodológica para São Paulo' consultou 1825 pessoas de 33 municípios daquele estado brasileiro, incluindo a capital. Do total, 80,9% dos entrevistados revelaram que se interessam muito ou simplesmente se interessam pelo tema Medicina e Saúde (BRASIL, 2007). Tal assunto não apenas desperta interesse, mas leva as pessoas a consumirem informações a respeito dele (VOGT; POLINO, 2003). Outro estudo qualitativo sobre a percepção pública da ciência e tecnologia realizado com 2004 pessoas no fim de 2006 mostrou que o tema de maior interesse entre os entrevistados é Medicina e Saúde (60%), à frente de Meio Ambiente (58%) e Religião (57%), sendo que os jornalistas (42%) e os médicos (43%) foram apontados como confiáveis para informá-los sobre tais assuntos (BRASIL, 2007). Assim, a imprensa tem papel-chave na transmissão de informações sobre saúde, em razão de tornar o discurso científico mais acessível e interessante, e de ser a principal fonte de informações de ciência e tecnologia da população.

No caso de temas com forte carga técnica, o jornalismo que busca dissecar a ciência para o grande público tem a oportunidade de exercer, de maneira plena, seu potencial papel de mediador da informação: traduzir para todos aquilo que somente os pares dos cientistas podem entender com clareza (ANDI, 2009). O que se espera, entretanto, não é apenas a tradução de uma linguagem mais instrumental para uma mais próxima do cotidiano da audiência. Assim como na cobertura de outras áreas temáticas, nas discussões técnicas abordadas pela imprensa devem ser expostos os vários interesses vinculados às aparentemente insípidas conclusões científicas (ANDI, 2009).

As reportagens sobre saúde podem ser muito influentes: as prioridades e as decisões daqueles que tratam das políticas públicas são muitas vezes moldadas por aquilo que eles assistem na televisão, escutam no rádio ou leem em jornais e revistas especializados ou de interesse geral. Além disso, os consumidores dessas matérias também podem alterar seus comportamentos de modo a afetar a condição de saúde que têm, em parte como resultado das informações e das dicas que encontram na imprensa (HARRABIN; COOTE; ALLEN, 2003).

Dessa forma, pode-se afirmar que cabe ao jornalismo científico um papel nobre na sociedade, pois além de popularizar ideias e conhecimentos de difícil acesso às pessoas, ajuda o indivíduo a ser atuante e capaz de tomar decisões na sociedade onde vive e sobre o

seu próprio futuro (CALVO HERNANDO, 1992). No entanto, nem sempre a divulgação de conhecimentos específicos é feita de modo esclarecedor.

Estamos diante de um nicho no qual o conhecimento é fortemente envolvido por terminologias específicas e onde a compreensão de um conceito depende do entendimento mais amplo da questão (ANDI, 2009). A cobertura na área de medicamentos, por exemplo, é considerada automaticamente como notícia, sem necessidade de se demonstrar sua importância, pois faz parte da agenda social (OLIVEIRA, 2009). Porém, a propaganda comercial que muitas vezes está por trás dos textos jornalísticos influenciados pela indústria farmacêutica contribui para que parte da população acabe utilizando medicamentos inadequadamente ou sem necessidade.

Nesse sentido, o ano de 2004, quando foram divulgados os resultados de um estudo sobre o uso do medicamento Vioxx na prevenção de recorrência de pólipos pré-cancerosos do intestino, foi bastante ilustrativo. Comandado pelo próprio fabricante, o grupo farmacêutico Merck & Co., a pesquisa mostrou que o analgésico dobrava os riscos de acidente cardíaco depois de pelo menos 18 meses de tratamento. Pesquisa realizada no final daquele ano apontou que quase metade (48%) dos adultos nos Estados Unidos e mais de três quartos (78%) dos usuários de Vioxx estavam seguindo de perto a cobertura da imprensa sobre a retirada voluntária do medicamento do mercado (THE WALL STREET JOURNAL, 2004).

A notícia, além de abalar a reputação da indústria farmacêutica, da agência norte-americana Food and Drug Administration e de deixar órfãos do medicamento milhares de pacientes, mudou, ao menos momentaneamente, os rumos do jornalismo científico em saúde: os jornalistas passaram a questionar a ética dos fabricantes de medicamentos e das pesquisas acadêmicas (KRUMHOLZ, 2007), assim como o hábito da “consumização da saúde”. No ano seguinte, a polêmica envolvendo o medicamento pautou uma série de matérias na imprensa em relação a esses aspectos. O objetivo deste estudo é traçar uma análise qualitativa das reportagens com os desdobramentos da polêmica do Vioxx publicadas no primeiro semestre de 2005 nas revistas *Time* e *Veja*, escolhidas por terem a maior circulação da categoria em seus países, Estados Unidos e Brasil, respectivamente.

2 Materiais e método

Veja foi lançada em setembro de 1968, em plena época de ditadura no Brasil, com tiragem de 700 mil exemplares e o objetivo de oferecer aos leitores uma seleção ordenada e

concisa dos fatos essenciais da semana em todos os campos do conhecimento. Hoje as assinaturas correspondem a cerca de 80% da venda dos cerca de 1,2 milhões de exemplares semanais. É atualmente a terceira revista de informação mais vendida no mundo, atrás somente das norte-americanas: Time e Newsweek.

Atual revista semanal de maior circulação no planeta e uma das mais conhecidas no mundo, Time lançou o conceito de revista semanal de notícias. Fundada em 1923 por Briton Hadden e Henry Luce, que se tornou a figura principal da publicação e um ícone da mídia do século XX, tem tiragem de cerca de 3,3 milhões de exemplares semanais. Desde 2000, faz parte do grupo Time Warner, que anteriormente se chamava AOL Time Warner. Em 2005, as edições chegavam aos assinantes e às bancas às segundas-feiras. Desde 2007, no entanto, esse calendário foi alterado, com a revista chegando às bancas na sexta, e aos assinantes, no sábado.

O corpus deste trabalho se constitui de todas as matérias motivadas pela polêmica do Vioxx com pelo menos uma página de extensão veiculadas nas 26 edições de Veja do primeiro semestre de 2005, entre 1º de janeiro e 30 de junho, somando um total de quatro matérias, assim como de todas as matérias de saúde com pelo menos uma página de extensão veiculadas nas 26 edições de Time no mesmo período, somando um total de quatro matérias. Não foram incluídas as matérias com tamanho inferior a uma página em razão de as mesmas não serem consideradas matérias e, sim, notas.

3 Resultados e discussões

Durante o período analisado, a primeira matéria motivada pela polêmica do Vioxx foi publicada pela revista Time, em 10 de janeiro, com o intuito de lançar um alerta contra o hábito de uso desenfreado de medicamentos. Com o título “What risks lurk in your medicine cabinet?” [Que tipo de riscos se esconde em seu armário de remédios?], o texto também chama atenção para o problema relacionado ao medicamento Aleve, este de compra não controlada, que foi igualmente ligado a um acréscimo de 50% no risco de ataque cardíaco – numa situação que poderia ainda ser revertida após análises mais profundas. “But the latest rash of drug scares serves as a timely reminder that even the safest FDA-approved medications can have side effects-some of them serious” [Mas a última onda de sustos com medicamentos serve como um lembrete oportuno de que mesmo os remédios mais seguros aprovados pela FDA podem ter efeitos colaterais – alguns dos quais sérios] (GORMAN, 2005a, p. 48). Depois dessa introdução, a matéria apresenta oito classes dos medicamentos

de uso mais comum, destacando a indicação e os efeitos colaterais de cada um deles, especificando diante de que sintomas adversos o médico deve ser consultado, numa espécie de alerta ao público.

A revista Veja, por sua vez, publica matéria muito semelhante um mês mais tarde, em 2 de fevereiro, porém de forma mais ampliada. O tema, inclusive, é elevado à capa, com a chamada “A verdade sobre os remédios – Veja ouviu 35 especialistas sobre os benefícios e riscos dos 100 remédios e suplementos mais consumidos no Brasil”. Na edição, são publicadas três matérias sobre o tema, as quais serão analisadas neste momento, começando pela intitulada “Estamos tomando remédio demais?”. A exemplo do texto de Time, este também chama atenção para os perigos da automedicação e para os riscos inerentes aos medicamentos. Para tanto, vale-se de argumentos da autoridade, no caso, de dois médicos, cada qual ligado a uma instituição com reconhecida credibilidade. Diz no texto o reumatologista Daniel Feldman, especialista em dor do Hospital Albert Einstein, em São Paulo, que o brasileiro precisa cultivar o autocontrole quando o assunto são medicamentos. Já o presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica, Antonio Carlos Lopes, afirma que todas as substâncias contidas nos remédios oferecem riscos. Apesar disso, reconhece Veja, os medicamentos são um dos pilares da vida moderna. Nas páginas seguintes, a publicação apresenta os perigos relacionados às 19 categorias de remédios mais consumidos no país, também em tom de alerta.

Essa reportagem toca pela primeira vez em questões relacionadas à imagem e à ética da indústria farmacêutica, ao revelar os resultados do levantamento realizado pela consultoria Harris Interactive sobre a crença dos americanos nos laboratórios farmacêuticos, que caiu de 80%, em 1997, para pouco mais de 40%, em 2004. O texto ainda afirma que essas empresas investem pesado em marketing, mais especificamente até 20% do faturamento dos remédios, em várias frentes de trabalho, como as que atuam junto aos médicos e às farmácias, além da publicidade e propaganda direta ao consumidor. “A publicidade direcionada para médicos inclui de prosaicos jogos de canetas e blocos a viagens de primeira classe para o exterior, com direito a acompanhante e a hospedagem em hotéis cinco-estrelas” (NEIVA, 2005a, p. 63).

Aproveitando o gancho sobre os riscos associados aos medicamentos, Veja apresenta outro tema controverso, relacionado à realidade brasileira, na matéria “Questão de segurança - Remédios similares detêm 70% do mercado e só agora começam a ter sua qualidade fiscalizada”. Essa matéria sobre a Agência Nacional de Vigilância Sanitária

(Anvisa), responsável pela aprovações dos remédios no país, informa que a Anvisa está tentando corrigir uma das maiores lacunas na fiscalização do mercado farmacêutico no Brasil: os remédios chamados similares, até então dispensados dos testes de bioequivalência para entrar no mercado. Segundo a reportagem, a própria Anvisa reconhece não ter como fiscalizar adequadamente todos os produtos à venda e, por consequência, como garantir a qualidade de uma parte expressiva dos similares. Sobre isso, o diretor adjunto da Anvisa, Davi Rumel, diz, na reportagem: "se me perguntarem se esses medicamentos são seguros, vou dizer: não sei. Acho que matar não matam, mas deixam de fazer o efeito esperado, o que é igualmente ruim" (RUMEL apud FRANÇA, 2005, p. 76). Tal opinião é reforçada por outros dois argumentos de autoridade. O coordenador da Central de Desenvolvimento Tecnológico de Medicamentos (Cedetem), da Universidade de São Paulo, Wilson Yasaka, salienta que boa parte dos medicamentos similares não tem a mínima qualidade em comparação com os remédios de referência, enquanto o endocrinologista Luiz César Póvoa, um dos fundadores da Anvisa, afirma, de forma mais contundente, que os similares são uma excrescência.

O assunto sobre o trabalho das agências reguladoras é aprofundado numa segunda matéria nessa mesma edição, intitulada "Quem vigia os vigilantes – A agência americana de controle de remédios perde credibilidade e enfrenta a maior crise de sua história". No início, o texto traz uma declaração do médico João Massud Filho, coordenador do curso de especialização em medicina farmacêutica da Universidade Federal de São Paulo, na qual ele diz ser inegável que, quando um pesquisador tem a missão de analisar um produto já aprovado pela FDA, ele vê o remédio com outros olhos. A introdução serve de gancho para a afirmação seguinte, de que tal credibilidade foi seriamente abalada com a retirada do Vioxx do mercado. Em seguida, o que se lê é uma crítica à FDA, num discurso jornalístico que utiliza o argumento de autoridade e da experiência, já que uma das vozes para a construção desse discurso é do epidemiologista David Graham, pesquisador da divisão de segurança de medicamentos do órgão. Diz ele: "A FDA está jogando no time errado [...] Em vez de servir ao público, está mais afinada com os interesses da indústria que deveria regular" (GRAHAM apud NEIVA, 2005b, p. 74).

Para contextualizar o problema e, assim, possibilitar ao público uma melhor compreensão do tema, a reportagem apresenta os antecedentes da situação, cumprindo uma das missões do jornalismo científico em saúde, de interpretar os fatos. A matéria informa que a crise enfrentada pela FDA teve início em 1992, quando o Congresso dos Estados

Unidos aprovou uma série de mudanças no funcionamento da agência, que passou a cobrar taxas da indústria farmacêutica a cada pedido de aprovação de medicamento. Dez anos mais tarde, em 2002, essas taxas totalizaram 260 milhões de dólares, o equivalente a 20% do orçamento anual da agência à época. Diz, na matéria, a médica americana Marcia Angell, que isso levou a uma ligação estreita demais, quase de dependência, entre a FDA e a indústria que ela teria de controlar.

Assim como Veja, Time publica matéria similar em 28 de fevereiro – edição na qual decide elevar o tema à capa, optando, no entanto, por uma temática diferenciada, que será analisada logo mais adiante. Assim como no texto de Veja, a reportagem intitulada “Can the FDA heal itself? – A permanent director and a new safety panel may not be enough to bring the agency back to health” [A FDA consegue se curar? – Um diretor permanente e um novo painel de segurança talvez não sejam o suficiente para torná-la saudável novamente] apresenta as dificuldades enfrentadas pela agência, a partir dos estudos que revelaram riscos de suicídio entre usuários de antidepressivos como Prozac, Paxil e Zoloft até os que associaram os analgésicos Vioxx, Celebrex and Bextra a maior prevalência de riscos cardíacos e derrames, todos medicamentos por ela aprovados. Segundo o texto, foram eventos que tornaram difícil para a agência mudar, junto à população, a percepção de que estaria trabalhando mais pelos laboratórios do que pelo público, e que a levaram a criar um conselho de segurança para monitorar os medicamentos em busca de efeitos colaterais não esperados (GORMAN, 2005b).

Além dessa matéria, que busca desvendar o que está por trás da nova orientação da FDA, de autorizar o retorno do Vioxx ao mercado, Time publica, nessa mesma edição, cuja chamada de primeira página é “The right (and wrong) way to treat pain” [O jeito certo (e errado) de tratar a dor], uma reportagem especial, de nove páginas, com indicação de terapias alternativas para diferentes tipos de dor (WALLIS, 2005). A notícia foi motivada pela retirada do Vioxx do mercado e pelas consequentes questões que emergiram sobre a segurança dos remédios inibidores da enzima COX-2. De maneira geral, o texto é construído com base na opinião dos médicos que afirmam ser necessário mais do que um medicamento com venda controlada para tratar dos desconfortos físicos. Assim, trata-se de uma matéria que, diante do problema, apresenta soluções alternativas e tenta frear o hábito da consumização da saúde.

A nova orientação da FDA gera uma última matéria em Veja, esta publicada na edição de 9 de março. Com o título “O vaivém do Vioxx – Um novo relatório da FDA anistia o

remédio”, o texto afirma que, segundo tal documento, os benefícios do medicamento superariam seus riscos, o que justificaria seu retorno às farmácias. A matéria, porém, lembra que o tema permanece polêmico e que por pouco a conclusão não foi diferente: 15 dos 32 especialistas votaram contra o antiinflamatório.

Sobre essa situação ainda contraditória Time também publica uma última matéria, em 23 de maio. Escrita em primeira pessoa, narra o drama vivido pelo jornalista da revista Bill Saporito, que se vê diante da encruzilhada entre escolher os riscos de morrer de ataque cardíaco ou de câncer (SAPORITO, 2005). Ele era uma das centenas de pessoas que participavam de testes clínicos que investigavam se os inibidores da enzima COX-2, no caso, o Vioxx, eram efetivos na luta contra o câncer, quando combinados a outros fármacos. Portador de câncer de esôfago, ele opta por seguir tomando o remédio e baseia sua decisão no fato de não ter encontrado, nas pesquisas, prova concreta de que o Vioxx, na ausência de outras complicações de saúde, como o excesso de peso, aumentaria as chances de ataques cardíacos. Apesar disso, assume que ele próprio escolheu publicar manchete dizendo que Vioxx dobra os riscos de infartos.

4 Considerações finais

Em razão da própria imagem da ciência, vista geralmente como uma atividade humana nobre, comprometida com o progresso e o bem-estar da coletividade, o jornalista costuma pressupor que na academia ou em demais instituições de pesquisa as falas e as intenções são isentas. Mas, como em qualquer atividade desempenhada por seres humanos, a ciência é falível, limitada e também impregnada de vícios e vicissitudes. O processo de comunicação da ciência é permeado por fatores econômicos, políticos, sociais e culturais, que, no entanto, muitas vezes deixam de ser abordados nas matérias jornalísticas.

O caso do medicamento Vioxx, porém, inverteu essa lógica, mesmo que talvez apenas momentaneamente. Durante os desdobramentos da polêmica envolvendo a retirada do medicamento do mercado, os jornalistas de Time e Veja foram além de simples tradução do discurso especializado e da apresentação do factual, se situando no detalhamento, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto, dando uma nova dimensão narrativa ao assunto saúde. Ao abordar a temática sob diferentes aspectos, as revistas apresentam o contraditório e o polêmico, contribuindo para o debate público. Ambas as publicações questionam a ética da FDA, dos laboratórios farmacêuticos, das pesquisas

médicas e, no caso da matéria em primeira pessoa escrita por Bill Saporito, a ética dos próprios jornalistas.

Além disso, as revistas tentam orientar a população sobre os perigos dos medicamentos e do uso inadequado dos mesmos, indo contra a maré da propaganda comercial que muitas vezes está por trás dos textos jornalísticos influenciados pela indústria farmacêutica que contribuem para o uso desenfreado dos mesmos. Afinal, a ciência e a tecnologia, no mundo moderno, constituem-se em mercadorias, produzidas e apropriadas pelos grandes interesses, e as fontes, sejam cientistas ou técnicos, podem estar contaminadas por vínculos de toda ordem. O jornalismo científico em saúde praticado por *Veja* e *Time* no episódio do Vioxx não se esqueceu disso.

Referências

- ANDI. **Jornalismo preventivo e cobertura de situações de risco** - Uma análise do tratamento editorial dedicado pela imprensa brasileira à dengue e à febre amarela. Disponível em <<http://www.andi.org.br>>. Acesso em: 12 jun 2009
- BRASIL, Ministério da Ciência e Tecnologia. 2007 - **Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil**. Disponível em <<http://www.uefs.br/antares/docs/mct.pdf>>. Acesso em 12 jun 2009.
- CALVO HERNANDO, Manuel. **Periodismo científico**. Madrid: Paraninfo, 1992.
- DUNWOODY, Sharon; FRIEDMAN, Sharon M.; ROGERS, Carol L. **Scientists and Journalists – Reporting Science as news**. New York: AAAS, 1986.
- FRANÇA, Ronaldo. Questão de segurança - Remédios similares detêm 70% do mercado e só agora começam a ter sua qualidade fiscalizada. **Veja**. São Paulo. Abril, n. 1890, v 38, 2 fev. 2005, p. 76-77.
- GORMAN, Christine. What risks lurk in your medicine cabinet? **Time**. New York, AOL Time Warner, n. 2, v.165, 10 jan. 2005a, p. 48-49.
- _____. Can the FDA Heal itself? **Time**. New York, AOL Time Warner, n. 9, v. 165, 28 fev. 2005b, p. 58-59.
- HANSEN, João Henrique. **Como entender a saúde na Comunicação?** São Paulo: Paulus, 2004.
- HARRABIN, R.; COOTE, A.; ALLEN, J. Health in the News: Risk, Reporting and Media Influence. **King's Fund Report**, 2003.
- KRUMHOLZ, Harlan M. et al. What have we learnt from Vioxx? **British Medical Journal**. v. 334, 20 jan. 2007, p. 120-124.
- NEIVA, Paula. Estamos tomando remédio demais? **Veja**. São Paulo. Abril, n. 1890, v 38, 2 fev. 2005a, p. 62-73.
- _____. Quem vigia os vigilantes – A agência americana de controle de remédios perde credibilidade e enfrenta a maior crise de sua história. **Veja**. São Paulo. Abril, n. 1890, v 38, 2 fev. 2005b, p. 74-75.
- _____. O vaivém do vioxx. **Veja**. São Paulo. Abril, n. 1895, v 38, 9 de mar 2005c, p. 103.
- OLIVEIRA, M.S. et al. Saúde da mulher na imprensa brasileira: análise da qualidade científica nas revistas semanais. *Interface – Comunic., Saúde, Educação*. Botucatu. Disponível em: <<http://www.interface.org.br/arquivos/aprovados/artigo131pdf>>. Acesso em: 10 de jun 2009.

SAPORITO, Bill. My Most Difficult Choice. **Time**. New York, AOL Time Warner, n. 21, v. 165, 23 mai. 2005, p. 64-65.

THE WALL STREET JOURNAL ONLINE. **Harris Interactive Health Care-Poll**. n. 24, v. 3, 10 dec. 2004.

VOGT, Carlos A.; POLINO, Carmelo, (Org.). **Percepção pública da ciência**: Resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

WALLIS, Claudia. The Right (and Wrong) Way to Treat Pain. **Time**. New York, AOL Time Warner, n. 9, v. 165, 28 fev. 2005, p. 46-57.

The Vioxx's lessons for the science journalism of Veja and Time magazine

Abstract

Qualitative analysis of the news story published in the first semester of 2005 by Time and Veja on the controversy unfolding Vioxx's market withdrawal. Journalists questioned the ethics of the manufacturers, the FDA, the scientific researches as well as the habit and tendency of health consumption, rescuing one of the noblest tasks of science journalism: to bring to discussion the contradictory and the interests linked to the area's politics and decisions.

Keywords

Science Journalism, health, weekly magazines.

Las lecciones de Vioxx para el periodismo científico de las revistas Veja y Time

Resumen

Análisis cualitativa de los reportajes publicadas en el primer semestre de 2005 en Time y Veja sobre los desdoblamientos de la retirada el medicamento Vioxx del mercado. Los periodistas cuestionaron la ética de los fabricantes, de la FDA, de las pesquisas académicas, bien como el hábito e la tendencia a la consumización de la salud, rescatando una de las tareas más nobles del periodismo científico: traer para discusión el contradictorio y los intereses vinculados a las políticas e decisiones del área.

Palabras-clave

Periodismo Científico, salud, revistas semanales.

Recebido em 16/08/2011

Aceito em 28/08/2012